

Vida

ANO I—N.º 8—10 DE JULHO DE 1941—PREÇO: 1 ESCUDO



MUNDIAL

Ilustrada

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

AS NOSSAS PRAIAS começam a povoar-se. São hoje, talvez, as mais animadas da Europa. É que poucas terras como Portugal poderão ter, neste momento, a felicidade de admirar este quadro singelo e encantador: o das crianças que brincam despreocupadas, alegres, confiantes...



Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES
AUGUSTO PINTO

DR. ALBERTO XAVIER
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
EDUARDO DIAS
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
MÁRIA ARCHER
GRACIETTE BRANCO
AUGUSTO DA COSTA
MÁRIO BARROS
Etc.

o caso da semana

Para que abandonou o general Wavel o comando das forças do Próximo Oriente?

por Carlos Ferrão

Dois chefes permutam

Inesperadamente, o telegráfico espalhou pelo Mundo uma notícia sensacional: os generais ingleses Wavel e Auchinleck permutavam os comandos que vinham exercendo, respectivamente, no Próximo Oriente e na Índia. A imprensa de Londres ocupou-se do assunto. Os jornais de larga informação e divulgação e aqueles que, como o «Times», associam a uma tiragem restrita um noticiário escrupulosamente seleccionado, puseram a correr algumas versões que se não coadunavam com a natureza e o fundo do acontecimento. Pouco depois fazia-se um silêncio absoluto à volta do episódio que era relegado para o movimento corrente e normal das autoridades militares.

Em casos semelhantes costumam invocar-se razões de saúde. Acontece que as informações vindas da metrópole britânica e dos locais onde os soldados da Grã-Bretanha sustentam a aspreza dos combates em África e na Ásia, coincidem, de maneira sistemática, num ponto: os dois generais transferidos não davam o mais ligeiro sinal de desfalecimento no cumprimento dos seus deveres nem acusavam qualquer quebra de energias ou de vigor físico. Um e outro tinham feito durante os últimos meses, pontualmente, a sua tarefa. Um e outro mereciam o reconhecimento do Império pelos serviços prestados à causa comum.

É certo que os comandos britânicos, no Exército, na Armada, na Aviação, têm sido alterados desde que se iniciou o actual conflito. Nomes respeitados e categorizados à hora em que se iniciaram as hostilidades foram-se apagando, pouco a pouco, ou mergulharam, subitamente, numa obscuridade propícia. Outros que o grande público ignorava e nunca tinham conhecido os títulos paragonados nem a «vedeta» das primeiras páginas, apareceram no primeiro plano da publicidade mundial. Costuma dizer-se que a guerra é a prova de fogo para se conhecer a estabilidade dos regimes; o mesmo pode afirmar-se em relação aos chefes que têm sobre os seus ombros a responsabilidade de comandar centenas de milhares de homens ou de elaborar os planos de operações de que dependem a segurança e o futuro das nações.

Antecedentes elucidativos

Obrigada, pelas circunstâncias, a fazer sózinha a guerra contra um adversário apetrechado em todos os sectores da actividade militar, a Inglaterra faz as experiências e tira as conclusões que lhe são impostas pelo próprio desenrolar dos acontecimentos. Em Setembro de 1939, Sir Edmund Ironside concentrava nas suas mãos experimentadas os fios da organização do exército britânico. Era, ao mesmo tempo, comandante-chefe e chefe do Estado Maior. A sua viagem de inspecção à Polónia, realizada poucas semanas antes, decidira, em grande parte, a atitude do governo. O valor das suas opiniões era documentado por uma biografia rica em incidentes reveladores, em provas duma aptidão técnica incontestada. Quem se recorda ainda hoje da sua personalidade vigorosa que, acumulada de honrarias, abandonava, pouco depois, o exercício efectivo do mando?

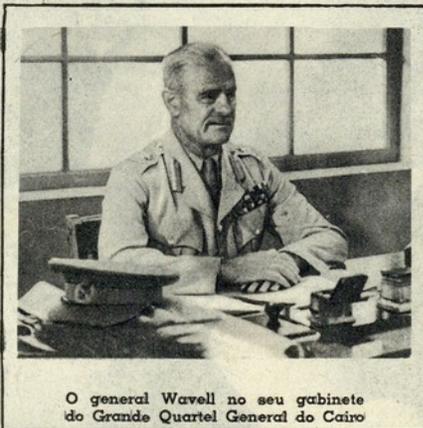
Lord Gort, o «Tigre», comandou o Corpo Expedicionário britânico em França. A sua reputação de bravura pessoal desafiava os exemplos numerosos na história dum país em cujas páginas os heróis não escasseiam. Esse traço fundamental do seu

temperamento continuava a ser utilizado ao serviço da pátria. A viagem aventureira que fez a Marrocos, na companhia de Duff Cooper, para se avistar com o antigo ministro do Interior francês, Georges Mandel, foi um rasgo de audácia nimbado de tintas romanescas. A sua escolha para governador de Gibraltar teve o consenso unânime da opinião britânica. Nem o «raid» aéreo, nem a responsabilidade da segurança duma praça forte se assemelham às funções decisivas que Gort inicialmente desempenhou.

Em compensação o nome de Sir John Dill era quasi completamente ignorado fora dos círculos restritos da Grã-Bretanha, onde a sua competência e a sua vontade firme tinham conquistado um ambiente entendido de admiradores. O general Martel, a quem está confiado o encargo da motorização do exército britânico, foi, durante muito tempo, tido na conta dum sonhador que desdenhava as realidades da guerra e as suas exigências. Sir John Dill e o general Martel são hoje os elementos predominantes na máquina militar do seu país.

Wavel, herói nacional

Na Armada, o movimento de comandos não tem sido menos importante. Os almirantes Charles



O general Wavel no seu gabinete do Grande Quartel General do Cairo

Forbes e Woodhouse apagaram-se no desempenho de funções honoríficas ou no exercício de lugares técnicos e de conselho. Os acontecimentos vieram dar uma celebridade inesperada aos seus camaradas Andrew Cunningham, organizador das vitórias decisivas de Tarento e de Cabo Matapan, e Percy Noble, protector do território nacional na luta contra os submarinos alemães. Que dizer do almirante Tovey, um dos mais novos do seu quadro, a quem a Grã-Bretanha confiou o péto de maior responsabilidade e significação na Armada: o comando da esquadra do Atlântico? E do comodoro Hanwood, promovido e colocado no Estado Maior, em seguida à proeza que realizou como comandante do «Exeter», promovendo o afundamento dum dos cruzadores de algeibra inimigos?

Na Aviação, verificaram-se transformações de certo vulto e os nomes de Charles Portal e Artur Longmore vieram substituir os chefes da primeira fase das operações, na Europa e no Próximo Oriente. Estes antecedentes tornariam normal a permuta

dos generais Wavel e Auchinleck se não houvesse um factor a considerar fora das razões técnicas que, frequentemente, aconselham os movimentos desse género: a celebridade do primeiro, a obscuridade quasi total do segundo. O general Wavel não se revelou apenas, no decurso das hostilidades, o mais ilustre cabo de guerra da Grã-Bretanha. O valor dos seus feitos alcançou nomeada universal. Para o grande público, a causa da Inglaterra tornou-se inseparável do seu nome.

É certo que a libertação do Egipto e a ocupação da Líbia, realizadas em pouco mais de dois meses, constituem, só por si, um título ao reconhecimento de todos os ingleses. Mas o que mais impressionou na realização dessas operações estratégicas de grande envergadura foi o carácter humano que as orientou e consagrou. Apesar da resistência encarniçada em alguns pontos, sobretudo em Bardia, das tropas de Graziani, o número de baixas registadas nas fileiras britânicas foi insignificante. O biógrafo subtil de Allenby, uma das maiores figuras da história militar de todos os tempos, soube aplicar, com uma delicadeza de «virtuose», as qualidades e os conselhos do mestre.

É preciso acautelar o petróleo

Quando da campanha da Grécia muito se disse a propósito de divergências que se teriam suscitado entre o governo e o general, guiado, o primeiro, por motivos ponderosos de ordem positiva, preocupado, o segundo, com as necessidades instantes da manobra decisiva que tinha encarado e cuja execução assegurara: a conquista de Tripoli. Não completando esta e enviando algumas das suas melhores tropas para o continente, Wavel permitiu o desembarque dos contingentes do general Rommel no litoral africano e o prolongamento duma campanha que os interesses imediatos da Grã-Bretanha aconselhavam a terminar rapidamente. É difícil dizer até que ponto lhe cabem as responsabilidades duma decisão que muitos consideram contrária aos seus pontos de vista pessoais.

Mas, nem a divisão dos Balcãs nem o malogro da última tentativa para envolver o dispositivo italo-alemão em Sollum, diminuíram a confiança que a Inglaterra deposita no general Wavel. Devem por isso basear-se noutro domínio as razões verdadeiras do seu afastamento. Wavel é um perito dos assuntos russos. Serviu, como adido militar junto à embaixada do seu país em S. Petersburgo, nos anos inquietos que precederam de perto a guerra de 1914-18. Acompanhou, antes de se juntar às tropas de Allenby, as duas campanhas duríssimas que os soldados do czar sustentavam na frente do Caucaso contra as tropas alemãs e turcas de Von Goltz. Conhece a zona petrolífera, os pormenores da sua geografia e as dificuldades da sua indústria.

Falando correntemente a língua russa, pode exercer uma acção profícua no trato das autoridades locais. O grande mistério das próximas semanas é o conhecimento dessas autoridades. Londres inquietava-se com a extensão das hostilidades na U. R. S. S. A estabilidade do regime soviético é uma incógnita. Mais do que a Ucrânia é o Caucaso que o avanço alemão visa. As populações podem restringir o seu consumo de cereais; os exércitos não podem diminuir o seu consumo de carburantes. A fronteira anglo-soviética na Índia e no Afeganistão revela a natureza da nova missão confiada à pericia de Wavel. O petróleo russo é o mais recente motivo da rivalidade anglo-alemã.



FIGURAS DO MOMENTO INTERNACIONAL

Winston Churchill

vida
MUNDIAL
e ilustrada

PRIMEIRO LORD DO ALMIRANTADO na Grande Guerra, figura em evidência na política inglesa, Churchill voltou, 25 anos depois, a ser utilíssimo à sua Pátria. De novo à frente do Ministério da Marinha e, depois da morte de Chamberlain, chefe do governo — eis o homem a quem a Grã-Bretanha, numa hora grave, entregou os destinos.

Quatro anos de guerra na ÁSIA

+ + por José de Freitas + +

A Terra Amarela que se avermelhara com o sangue derramado pelos seus filhos em cruentas batalhas, despedaçada e retalhada pelas espadas criminosas dos generais-bandidos, assolada pela fome e pela peste, caminhava debilmente para a unidade, erguia-se a olhar o futuro e dava enfim, as primeiras passadas, lentas, mas seguras, para enfileirar ao lado das grandes nações modernas e ter um presente digno do seu passado milenário, criador duma civilização requintada e original. O «Homem doente da Ásia» curava as suas feridas. Palavra sobre a terra martir a sombra protectora e amiga de Sun Yat Sen — o «Ditador póstumo da China». Unida, mas ainda mal refeita da agressão de 1931-32, de que resultou a criação do Manchuro, mais uma vez espoliada, teve ainda forças para reagir e recomeçar a obra de acclimação ao Mundo Ocidental. Mas o inimigo da mesma cor, que civilizara (Enquanto a corte de Pequim deslumbrava embaixadores tartaros e insulares com festas que terminavam com magestosos fogos de artifício, Kyoto desconhecia a existência da pólvora) vigiava de perto, atacava a charneira dos generais ambiciosos, pronto a lançar a ofensiva geral e levar a guerra, mais uma vez, para a velha Terra de Catai. Fêz na segunda feira quatro anos (em 7 de Julho de 1937) que a luta começou. Era mais uma etapa para a conclusão do plano Tanaka, inspirado pelo Micado Toyotomi em 1590.

«Para conquistar o Mundo — diz o célebre memorando — temos primeiro que conquistar a China».

E a China resiste há quatro anos. Longe de diminuir, aumenta cada vez mais a sua capacidade de resistência. Em igual espaço de tempo, há 23 anos, a Alemanha, primeira potência da Europa continental, succumbia aos Aliados e pedia o Armistício.

COMO COMEÇOU AQUILO...

Em 1936, o Japão viu-se a braços com uma grave crise económica. O país é autárquico apenas para o arroz, o trigo, o açúcar e pescarias. Para alimentar com matérias primas a sua potente indústria pesada necessita de comprar à América, à Holanda, e à Inglaterra. O Japão é a maior potência industrial da Ásia, mas no seu solo, na Coreia e na Manchuria não encontra as quantidades precisas de produtos para pôr em movimento as suas fábricas, cada vez maiores, cada vez mais aperfeiçoadas sob to-

dos os aspectos da técnica moderna. Apesar da sua economia dirigida, sem concorrentes internos (os grandes capitais japoneses estão nas mãos de quatro poderosas famílias unidas por interesses de lucro nas principais empresas nipónicas) não possuía ouro para efectuar as suas compras nos mercados estrangeiros. Ao mesmo tempo, a China, seu principal consumidor (450 milhões de habitantes) começava a preferir as mercadorias russas, britânicas e norte-americanas. A situação era insustentável. Nos bairros populares de Toquio, morriam-se de fome. O desemprego assumia um carácter de gravidade excepcional. O partido do Exército e da Armada opunham-se à política de expansão pacífica de

político pacifista, incapaz de realizar qualquer programa, sem força e prestígio para conter a massa dos descontentes, apresenta a demissão ao Imperador. Sob o poder um descendente dos deuses que criaram o arquipélago, o parente mais chegado de Hirohito: o Príncipe Konoye.

Em 7 de Julho começa o conflito sino-nipónico.

A CHINA NÃO TINHA UMA ESPINGARDA...

Em consequência de tratados antigos, o Japão tinha o direito de manter tropas em várias regiões da China situadas entre a capital e o mar... Na altura em que este documento foi assinado (1900)



Ocupado pelos Japoneses entre 7.VII.1937-7.VII.1938
Território retornado pelos chineses depois de 7.VII.1940

Mitsui e reclamava, abertamente, uma nova campanha na China e a ocupação da Mongólia.

Os exércitos da Coreia tomavam uma atitude hostil na fronteira soviética, o que levou o governo a demitir oficiais e substituir comandos. Em Fevereiro de 1936, dois mil militares revoltaram-se. Dois ministros foram assassinados e o Presidente do Conselho Okada escapou por milagre à fúria criminosos dos loucos patriotas. Em Março de 1937, Hayashi forma um governo que não agrada nem a gregos nem a tróianos. Num discurso declara: «O Japão não tem o objectivo de fazer qualquer guerra à China, país amigo e asiático, com o qual quer manter as melhores relações políticas e económicas». Em Junho, este

a capital chinesa era Pequim, hoje Peiping, a «Pacificação do Norte». Foram estas forças, que se encontravam entre a velha cidade imperial, e Tien-Tsin, em Lu-Ku-Chiao, perto da ponte de Marco Polo, que iniciaram as hostilidades, acusando as tropas chinesas da região de manterem sentimentos anti-nipónicos... O objectivo secreto era criar um conflito local para o resolver com as autoridades locais.

Pretendia-se, assim, comprando vários generais, coisa que Toquio considerava fácil, constituir um novo Estado «soit-disant» independente como o Manchucó ou reuni-lo aos Territórios de Pu-Yi.

O envio de matérias primas para as grandes fábricas insulanas estava pro-

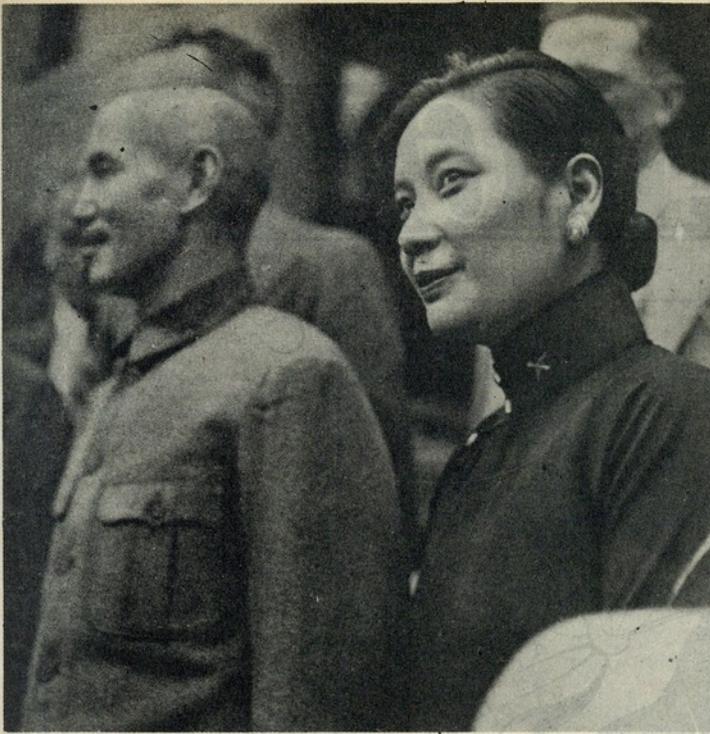
visoriamente resolvido. Cumpria-se mais uma etapa do plano Tanaka. Doihara, chefe da espionagem japonesa, homem prático e sereno que acredita só nas realidades palpáveis, sabia que a China não tinha uma espingarda. Não acreditava na unidade da nação e confiava nas palavras dum velho general nipónico: «Os soldados japoneses são os melhores do Mundo».

Mas a China estava unida. Um cancro matara Sun Yat Sen, mas a sua obra não morrera. A semente germinara. O povo chinês sem ideia definida de Pátria, libertado do jugo confuciano, adquirira a consciência do valor da China como nação moderna e opôs-se ao invasor. Os generais chineses já não se vendem ao inimigo; suicidam-se quando perdem uma batalha. A transformação da mentalidade da população fôra lenta, mas tinha criado fundas raízes. O movimento da «Vida Nova» fundado por Chang Kai Chek e apoiado pelo Kuomintang começava a dar os seus frutos. Em Nanquim, os generais chefes de província resolveram unanimemente resistir ao invasor. E a China unida, mas sem uma espingarda, pediu auxílio ao Mundo. A S. D. N., que se comovera com o notável discurso de Wellington Koo, denunciando a agressão, aprova apenas um platónica protesto. A conferência das Nove Potências, reunida em Bruxelas, não chega a qualquer conclusão. Apenas a América e a Rússia, e, depois, a Grã Bretanha, auxiliam efectivamente a China.

Apesar disso, a resistência não afrouxa. Chang Kai Chek é um batalhador incansável. O vencedor incontestável do velho tipo do militar chinês, apoiado por sua mulher — uma das mulheres mais inteligentes do Mundo — recua atacado, contra-ataca e resiste, resiste sempre. Pequim, Xangai, Cantão, Nanquim são ocupadas. O Japão tem uma esquadra poderosa. A China, não teve tempo para construir uma Armada. Mas quando a penetração do exército japonês se acentua, quando o soldado se afasta das bases do litoral quando os navos de guerra não o podem proteger, o avanço é detido, o poder militar japonês enfraquece.

A luta dura há quatro anos. E a China que não tinha uma espingarda, possui hoje em pé de guerra cinco milhões de homens. Melhor que o mais pommenorizado artigo, o mapa junto demonstra que a situação dos exércitos japoneses no Continente Amarelo não é invejável.

Chang Kai Chek prepara a grande ofensiva. Quando começará? Talvez a evolução dos acontecimentos da Europa possa fazer prever a evolução da guerra no Extremo Oriente. A China entrou no quinto ano de Guerra.



CHANG-KAI-CHEK simboliza hoje todo o heróico esforço da China livre. A seu lado, sua esposa tem sido uma companheira dedicada e uma colaboradora entusiástica.

AS MULHERES, modernizadas nos seus hábitos, coraçadas no seu sofrimento, acompanham os soldados na sua campanha de libertação.



O EXÉRCITO CHINÊS, quatro anos após o começo da guerra, é uma forte realidade. Em cima, tropas de infantaria e artilharia; em baixo, à esquerda, forças de aviação.

A MOCIDADE encara o futuro com um sorriso confiante. Organizam-se agrupamentos juvenis encarregados de manter o espírito de vitória.

CALCADA DA GLÓRIA

CARTILHA

DA «Cartilha» hoteleira, agora publicada pelo S. P. N., recorta-mos este conselho prudentíssimo: «Vê antes de te hospedar onde tens de te lavar». Nada mais asseado. Mas a seguir à risca este conselho, arriscamo-nos a ficar em plena rua, na maior parte das terras portuguesas...

FERNANDO DE SOUSA, HUMORISTA

O conselheiro Fernando de Sousa contava, há dias, que fora discípulo dum padre, professor de história no liceu de Évora, o qual dizia que nos princípios do mundo houvera um combate tão grande entre os anjos bons e os anjos maus «que se ouvia no céu o estrondo das peças de artilharia...»

Sempre teve cada mestre, o senhor conselheiro Fernando de Sousa!

SÍMBOLOS

MIRITA Casimiro faz na revista *O Retiro dos Pacatos*, um número patriótico representando um soldado que está de sentinela, ao quartel, e que empunha a clássica baioneta. Esta baioneta não é, porém, obra do adericista: foi fornecida pelo capitão Carvalho Nunes, ajudante de Sua Ex.^a o Presidente da República, circunstância que dá aquele símbolo um autêntico valor oficial...

CARICATURAS DE TROPOS

O conhecido artista Júlio de Sousa inaugurou no átrio do *D. Maria* uma curiosíssima exposição de caricaturas — feitas à maneira de bonecas de trapos. Lá vemos, entre outras, Maria Matos, Mirita Casimiro, Beatriz Costa, Amélia Rey Colaço, Josefina Baker, Carmencita Aubert — e assombrai-vos, ó gentes — dentro duma rede de vidro. Palmira Bastos, vestida de rainha...

Uma novidade: Júlio de Sousa que há dez anos usava invariavelmente camisa preta surgiu agora de camisa irreprensivelmente branca. Na verdade, já era tempo de aliviar o luto...

ESCULÁPIO

UM amigo encontrou há dias Esculápio para os lados do Almirante Reis.

— Você por estes lados? — perguntou-lhe o amigo.

— Moro agora para aqui...

— Para aqui? Mas então você mudou-se?

— Mudei. Como já estou desta idade, quis aproximar-me do Alto de S. João...

E sorriu:

— Quando morrer, sempre posso ir a pé...

MAQUINAS DE BARBEAR

RAMADA Curto entrou, há dias, em negociações com o proprietário da *Papelaria da Moda* — o nosso amigo Vieira — para a compra duma complicadíssima máquina eléctrica destinada a fazer a barba. Era a última palavra no género. O pior era o preço! Ramada quando lhe disseram que o aparelho custava um conto de réis não pôde deixar de comentar:

— Isso também é escanhoar de mais, amigo Vieira!



FIDALGOS

CONTOU-ME ontem João Moreira de Almeida:

— Você que gosta de «blagues», oiça esta, Ouvi-a ao dr. Nuno Pôrto. Uma tarde a condessa de Anadia, fidalga da melhor linhagem, descia uma escada bastante íngreme. Alguém ofereceu-lhe o braço.

— Obrigada! Mas a condessa d'Anadia não pode dar um braço senão a quem seja, pelo menos, seu primo co-irmão...

E logo esse alguém retorquiu, com a maior galanteria do mundo:

— Agrade-se então V. Ex.^a ao seu primo «corrimão»...

CONDE DE SUCENA

NO dia 30 de Junho, pelas dez e meia da noite, no Rossio, o Conde de Sucena esperava um eléctrico, ao mesmo tempo que comia dum pequenino copo de cartão um sorvete de morango...

— Bravo, senhor conde... Com que então um sorvete!

Logo ele sorriu:

— Que quere, meu amigo! A Caixa «congelou-me» os créditos!

CRÓNICA MUNDANA

A sr.^a Dr. Maria Isabel Guerra Junqueiro, filha do admirável autor de *Os Simples*, ofereceu, há dias, em sua casa, uma tarde deliciosa. Escritores, poetas, artistas, senhoras elegantíssimas ali se deram *rendez-vous* durante algumas horas. Fêz-se música. Houve quem recitasse. Contaram-se anedotas. Conversou-se animadamente. Dir-se-ia que o espírito de Junqueiro pairava no ar e, de tal modo, que, ao servir-se o «lunch», Perry Vidal não se conteve que não exclamasse de *croquette* em punho:

— Que riquíssimos alexandrinos!

JOSÉ BRUGES DE OLIVEIRA

ENCONTREI, há pouco, José Bruges de Oliveira, poeta inspiradíssimo. Perguntei-lhe:

— Então quanto temos livro novo?

— Breve.

— Como se chama?

— «Versos que foram meus».

— Esplêndido título!

Mas fiquei a pensar nisto: se os versos já não são dele — porque será que ele os quere publicar?

LEITE DE VASCONCELOS

REALIZOU-SE recentemente na Associação dos Arqueólogos uma sessão de homenagem, em memória de Leite de Vasconcelos. Quando a sessão terminou, e já fora do protocolo da solenidade, Afonso Dornellas contou que Afonso XIII lhe dissera uma vez:

— De arqueologia pouco mais sei do que isto: que há em Portugal um homem chamado Leite de Vasconcelos...

PRAIAS

LISBOA está sendo inundada de esplanadas. A Avenida está cheia delas. E não falta já quem diga — ó mordente ironia alfacinha! — que essas esplanadas, com os seus toldos flamantes, não são afinal mais do que autênticas praias — de pelintras, que não têm dinheiro para ir para fora...

Pinis S. Oliveira ilustrações

Panorama Internacional

A caminho de novos tempos

por Francisco Veloso

A semana internacional decorreu quase toda com os olhos do público a fitarem a primeira dúzia de dias da guerra germano-russa. Tudo, na verdade, indica que, por enquanto, não há outro acontecimento predominante. O próprio movimento ofensivo em que a Inglaterra parece querer entrar, gira pela órbita daquele, tanto sob o aspecto de operações militares como sob o das operações diplomáticas.

A GUERRA DAS CIFRAS



HALIFAX

Continua sua primeira vez, a guerra em cheio e a fundo, travou as suas batalhas na zona que, compreendendo os Estados Bálticos e a Bessarábia, constituiu o benefício que Moscovo retirou e colheu do pacto de Agosto de 1939 com Berlim. Essa zona enorme ficou por assim dizer devorada.

Tem sido objecto de comentários a compila de números com que qualquer dos contendores anuncia perdas do material de outro, números que, por transcendere todos os cálculos de possibilidades em batalhas já invadem os domínios do concebível e os limites da credulidade. A prosseguir-se nesse processo de contagem, das duas, uma: — ou os acérvos das forças aéreas e mecanizadas e russas são inesgotáveis, ou estão em riscos de qualquer natureza. Em qualquer caso e dentro de pouco tempo, a opinião pública passará a encarar essa surpreendente cascata de aviões tombados, de carros bélicos desteitos e de prisioneiros com aquele encolher de ombros que, em geral, acolhe os fantasiosos milhões de mortos que nunca deixaram de assinalar os destroços em vidas e armas dos exércitos que pugnam no Extremo Oriente.

O exército alemão já atingiu e ultrapassou em parte as antigas fronteiras ocidentais da Rússia, ao longo das quais se desenrola sobre a charneira dos pântanos de Pinsk a chamada Linha Estaline que vai ser agora posta à prova, para mais construída como o foi a linha Siegfried.

Descanta-se a superioridade técnica do exército alemão. O antigo embaixador norte-americano, Davies, admite que ele alcançará as searas da Ucrânia e somente põe em causa as condições em que po-

derá manter-se no país enorme que é a Rússia, problema este que por consequência rebate sobre a questão, atrás apontada, da finalidade da campanha, e ao ponto revertemos, como orava o famoso herói do romance de Camilo.

MOSCOVO OU KIEV?



MANNERHEIM

As preocupações de ordem económica são inegáveis neste momento para a Alemanha, como o são, nessa imensa batalha do Atlântico, as da Inglaterra. Os abastecimentos da Rússia ao Reich são indiscutivelmente preciosos. Só por si bastariam a explicar a urgência de uma conquista das regiões donde provém. Mas não podem ser os seus únicos motivos, as suas razões exclusivas, precisamente pela dificuldade, não já de realizar tal conquista, mas a ocupação e conservação dos territórios abastecedores, sob o risco duma luta interminável que por várias fases semelhará para pior aquele perigo que tantas vezes pôs em martírios a retirada napoleónica.

Verifica-se, pois, que há uma finalidade política a nortear a ofensiva alemã. E essa não está em Kiev e em Odessa mas em Moscovo. Por isto os alemães visam de preferência o norte. No dia em que um governo russo não-soviético pudesse dar à Alemanha as garantias que as manobras de Estaline lhe não garantiriam, fazendo entrar então a Rússia num bloco europeu de ordem política e económica, a vitória alemã seria completa e eficiente. A perturbação que uma desagregação ou rutura da frente moscovita pelo impeto germânico produziria sobre as rectaguardas russas, traria a Hitler e ao seu estado maior certas condições de possibilidade de conseguir o desejado alvo, talvez com o apoio de dissidências internas.

Quando o avanço alemão se alongou sobre as margens do Báltico para forçar passagens no Duna; quando a Finlândia, à voz do seu grande chefe militar, tomou armas contra a Rússia; quando o movimento ofensivo visou às regiões do Ártico no pórtico de Murmansk, — que outro objectivo levava e leva tudo isso senão o de fazer descair sobre os centros políticos da Rússia de hoje o peso principal do ataque? Continua a ignorar-se em pormenores a intenção do Alto Comando russo. Esta guerra que tão em segredo foi gerada, embora de há muito inscrita no plano de Hitler, ao ampliar as perspectivas de Bismarck para a concepção do Grande Reich numa continuidade que o reinado de Guilherme II interceptou, continua a fazer-se entre mistérios. Dir-se-ia que a recobre a triste ambiência brumal que vela aos oci-

dentais os acessos das tundras.

Mas então, se Hitler e o estado-maior do exército de que é capitão, tal conseguisse, poderiam apresentar à Inglaterra — e porventura andará nisto o fio da meada que levou Hess à Alta Escócia — um novo convite a uma paz na Europa sobre o velho programa de uma repartição de influências que se estenderia, segundo a prevenção autorizada de Goebbels e do Plano Funk, às próprias colónias da Ásia e da África, programa que sempre foi e há-de ser um sonho político do Reich. Hitler tem em seu poder, embora em instável e precária posse, que a evolução agravada da guerra não lhe tem consentido consolidar, a enorme maioria dos países da Europa. O toque de sinos a rebate contra o comunismo que é tangido a toda a força de braços em Berlim visa claramente a conglomerar nesse agrupamento ingente de países subjugados pelas armas e pela ocupação a pequena mas valiosa maioria de nações que escaparam por motivos e circunstâncias de vária ordem à grande chispa alemã. Corpos de voluntários poderão introduzir esse vasto movimento de integração. Já alinham contra a Rússia todos os Estados que pactuaram com Berlim ou se lhe submetem. O resto viria por via centripeta. E nessa massa fermentaria o plano do bloco económico da Nova Europa diante da América do Norte, que ficaria atada só a Londres.

A OFENSIVA BRITÁNICA



AUCHINLECK

Contra este bloco, como reage o sobressalto britânico? Em ofensiva. O espectáculo que vai quasi para três semanas a aviação inglesa, com o reforço norte-americano, em dado ao mundo, ao varrer com bombardeamentos diurnos e nocturnos os centros industriais e militares do inimigo, na Alemanha e em França, induz a convencer-se de que não foi feita no ar a promessa de Churchill.

Nos últimos dias do mês findo, revelava-se de Londres:

«A opinião geral dos observadores norte-americanos que se encontram na Inglaterra é de que, dentro de dois meses, ou seja em fins de Agosto próximo, os ingleses, com os seus sistemáticos bombardeamentos aéreos à Alemanha, com centenas de bombardeiros como actualmente estão já a fazer, terão causado importantes estragos na máquina de guerra do Reich. O Estado Maior britânico do Próximo Oriente, informa também com satisfação que as forças aéreas inglesas estão a aumentar rapidamente com aparelhos que diariamente estão a chegar ao Egipto, vindos da

Austrália, dos Estados Unidos e da Inglaterra.»

Até onde poderá ser prolongado este esforço? Já ninguém duvida de que ele está sendo acompanhado, até em França, por uma ofensiva diplomática de pressões terminantes. Londres já não quer recuar nem atonizar-se. Sabe que tudo para a Inglaterra depende disso.

Presente-se que a guerra acelera a sua marcha para fases que já não poderão comparar-se com nenhuma das anteriores. E se Hitler precisa indiscutivelmente de rematar o mais depressa possível a guerra que faz à Rússia, o jogador inglês sabe que não poderá deixar ao adversário o handicap duma vitória que poderia pôr em causa pelo Causo mais fortemente os caminhos da Índia. Churchill já aludiu a isso em palavras que deixaram entrever como em seu espírito um exército russo vencido pelo invasor não está fora de realidades.

A crescente soma de poderes que está a ser dada a duas grandes figuras do ministério inglês, Lord Beaverbrook e Bevin, indica que nas ilhas se entrou a postos de combate.

E a substituição de Wawell por Auchinleck no supremo comando do Médio Oriente para ir organizar o exército da Índia, embora possa conter razões já antigas de divergências conhecidas desde o tempo em que o grande cabo de guerra criticava duramente o estado-maior por abandono de meios mecanizados e de paraquedistas na preparação militar, leva jeitos de cores ponderar ao mesmo ponto de vista ofensivo.

O REI LEOPOLDO

Um facto veio há pouco reforçar o bloco de nações que resistem ao lado da Inglaterra; o esclarecimento da atitude do rei Leopoldo III da Bélgica. O baquear do exército belga naquele trágico mês de maio do ano passado, provocou maus juízos sobre a atitude do filho do rei Alberto, à qual Reynaud chegou a atribuir a débacle e



LEOPOLDO III

a retirada de Dunkerque, dirigida sobretudo pelo almirante francês Abrial. Impressionou, no entanto, que nesse momento, Churchill fôsse Jogo o primeiro a recomendar que se aguardassem esclarecimentos sobre a decisão real, abstendo-se de pronunciar sobre o assunto. A par de Churchill, o almirante Roger Keyes, o herói de Zeebrugge, que tão dura, e acertadamente criticou a operação da Noruega, fez igual recomendação.

A queda da França, acompanhada do espectáculo vergonhoso da sua corrosão moral, política e social interna, deu imediata reparação ao

(Conclue na pág. 12)



AS SENHORAS D. SILVIA LEÃO E D. MARIA HENRIQUES OSWALD efectuaram no Clube do Leça, no Pôrto, um sarau literário e musical, durante o qual, a primeira se fêz ouvir ao piano e a segunda falou da mulher na obra de Shakespeare.



AS «ERVAS MILAGROSAS», tão do agrado dos portugueses na época dos Santos populares, têm tido uma grande venda na capital do Norte.



B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.

FALA
E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de verão		Estações	Ondas curtas
13.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21.64 mc/s)
		C S O	19.76 m. (15.18 mc/s)
13.30	Actualidades	G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	C S C	31.32 m. (9.58 mc/s)
		C S B	31.55 m. (9.51 mc/s)
22.15	Actualidades	G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24.92 metros (12.04 mc/s) em G R V



EXISTE UMA
PELICULA
QUE NUNCA FALHA!

ferrania

J. C. ALVAREZ, L.^{DA}

Tudo para Fotografia e Cinema

205 Rua Augusta 207 - LISBOA

A campanha da RUSSIA



PUBLICAMOS HOJE AS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS CHEGADAS A PORTUGAL d'os combates que se seguiram ao estabelecimento das hostilidades entre a Alemanha e a Rússia. A foto em cima, mostra-nos a ocupação dos arredores de Brest-Litovsk pela infantaria alemã, após um bombardeamento que destruiu vários edifícios.



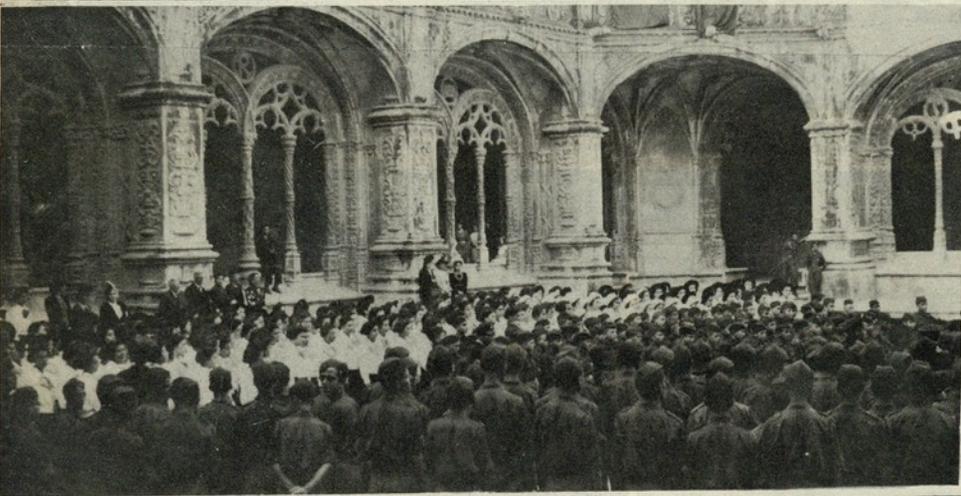
UMA PEÇA ANTI-TANK é levada para nova posição nas cercanias de JUNTO DUM PÓSTO ALFANDEGARIO DA FRONTEIRA RUSSA, travou-se violento combate. As tropas do Reich conseguem, por fim, transpor o obstáculo.



O CÍRCULO LITERÁRIO E ARTÍSTICO «TÁBUA RASA» ofereceu, na «mesa da Cooperativa Militar, um «Pôrto de honra» ao ilustre oficial e escritor sr. Carlos Selvagem, por motivo da sua escolha para representante do Exército na missão especial de agradecimento ao Brasil. No acto, usaram da palavra os srs. coronel Cardoso dos Santos e Cardoso Marta, que se referiram, com palavras elogiosas, ao homenageado.



NO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA, tomou posse a nova direcção. Na foto, em cima, vêem-se os sócios que fazem parte dos novos corpos gerentes e os que constituíam a antiga direcção.



A CASA PIA DE LISBOA festejou ultimamente o 161.º aniversário da sua fundação. À tarde, efectuou-se no claustro dos Jerónimos, onde está instalado aquêlê estabelecimento de ensino, um concerto pela banda privativa, e coros pelo orfeão caspiano e por um outro conjunto orfeónico constituído por pupilos de diferentes casas de assistência de Lisboa. Damos, à esquerda, dois aspectos do claustro dos Jerónimos durante o concerto.

ANTÓNIO FERRO, fundador e presidente do Circulo «Eça de Queiroz», foi homenageado com um jantar íntimo que lhe ofereceram os sócios daquela colectividade literária. Festa de elegante ambiente e de grande elevação, a ela assistiram muitas das mais representativas figuras da mentalidade nacional. A foto, à direita, mostra-nos António Ferro com António Eça de Queiroz, Marcus Cheêke, Julio Caiola, o ministro do Uruguai, o conselheiro da embaixada do Brasil e outros convivas.



Acontecimentos da SEMANA



O DISTINTO ARTISTA E PROFESSOR CAMPOS COELHO, acompanhado por Filomena Baptista de Gouveia, efectuou há dias, no Sindicato dos Músicos, um recital a dois pianos que constituiu um grande acontecimento artístico. Em cima, um aspecto da assistência; à esquerda, os dois pianistas.



JULHO É O MÊS DOS EXAMES, das situações afritivas. A mocidade consome neste ajuste de contas toda a sua energia. Numa hora, vive-se mais que um ano. Tudo o que se aprendeu — ou o que não se aprendeu... — em dias chuvostos, em noites frias, metido em casa, num labor constante — ou num esforço herculeo, nos últimos dias... — tudo isso se evidencia, com mais ou menos sorte, mais ou menos habilidade — e mais ou menos ciência... — nas manhãs e tardes deste julho quente. Em cima: Os primeiros exames — crianças do 1.º grau na escola municipal n.º 6; em baixo: Dois aspectos dos actos na Faculdade de Direito.

O CHEFE DO ESTADO recebeu, há dias, no Palácio de Belém, os ams. prof. Armando Narciso, general Lacerda Machado, eng.º Hintze Ribeiro e dr. Francisco Couto dos Santos, do Grémio dos Açores, que lhe foram oferecer um exemplar, luxuosamente encadernado, do livro do I Congresso Açoreano, realizado em Lisboa há três amos, com muito êxito.



PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da página sete)

Por FRANCISCO VELLOSO

rei Leopoldo e começou a destapar a verdade. O governo belga continuava a guerra em Londres, sustentado pelo Congo; o Rei mantinha-se como prisioneiro no castelo de Laeken, não tendo desde então modificado por quaisquer transações com o vencedor a sua posição.

Um incidente agora ocorrido no tribunal de Londres no processo intentado pelo almirante contra o *Daily Mirror* por ofensivos comentários ao rei belga, deu aso a que se fizesse definitiva justiça à atitude do soberano.

Da nota oficiosa da Legação da Bélgica é dever transcrever o seguinte:

«No decurso dos debates, o advogado de sir Roger Keyes, sir Patrick Hastings, fez o relato da valente conduta do Exército belga. Mostrou como este aceitou abandonar as fortes posições que ocupava sobre o Escalda, para ajudar o Exército britânico, fracamente entrincheirado no rio Lys, afim de lhe permitir participar na ofensiva ordenada pelo general Weygand. Para permitir o desenvolvimento desta ofensiva, o Exército belga lutou, só, sem descanso e sem esperança, durante quatro dias, contra, pelo menos, oito divisões alemãs, das quais algumas motorizadas, e contra uma grande quantidade de aviões. O advogado de sir Roger Keyes indicou as diferentes tentativas feitas pelo rei dos belgas para comunicar aos ingleses e aos

franceses a posição desesperada do seu Exército e a necessidade em que se encontrava de capitular. Em seguimento destas declarações, o advogado do «Daily Mirror» declarou estar, agora, claro que a atitude de sir Roger Keyes tinha sido plenamente justificada e apresentou ao almirante as desculpas do seu constituinte. Acrescentou ainda que se tornava bem patente que uma grande injustiça foi cometida para com o rei Leopoldo, pelo que lhe apresentava as suas mais sinceras e respeitadas desculpas».

Eis um complemento histórico do compromisso de Saint-James.

O SILÊNCIO DA CASA BRANCA



KNOX

Diante destes horizontes, a imprensa norte-americana levanta-se à uma a pedir a Roosevelt que tome uma posição definida no conflito, apelos que outra vez deparam com um oposição isolacionista, agora traduzida pelo ex-presidente Hoover em nova chave: nem derrotismo, nem intervencionismo, nem isolacionismo. E a hostilidade ao apoio à Rússia que, no parecer do antigo chefe de Estado, viria a dar anças à propaganda contra o comunismo.

Contra ele ergueu-se novamente em Boston, Knox, o ministro da

Marinha, clamando serem horas de atacar, limpando de submarinos alemães o Atlântico e dando como argumento — que há-de ter reforço a última e bem recente diligência de Lord Halifax — o afundamento de importantes cargas de material a caminho da Grã-Bretanha.

Entre um e o outro, Roosevelt apenas anunciou ou deixou anunciar a caravana marítima de 40 navios carregados de armamento para os exércitos britânicos do Próximo Oriente. Foram comboiados por navios de guerra norte-americanos? Nada foi dito a tal respeito. A Casa Branca não se pronuncia, mas actua, respondia há pouco um dos últimos cooperadores do presidente. E bem pode ser que assim seja. Dos bastidores é que ninguém conhece um só desvão ou recanto, mórmente numa hora que tão decisiva (Hitler o disse) se oferece para os destinos desta guerra.

UM APELO HESITANTE



KONOYE

No Japão, a guerra germano-russa caiu como um agente de perturbações. A luta entre os parciais da guerra do Eixo e os elementos moderados tomou maior a z i ú m e. Mas após outras, as conferências diplomáticas sucederam-se em Tô-

quio. Anunciou-se que a Conferência Imperial ia adoptar finalmente uma decisão. Ao cabo, o príncipe Konoje apareceu a dar à *United Press* estas palavras:

«Peço a todos os norteamericanos que façam um esforço vigoroso no sentido de compreenderem a posição do Japão. Afirmo categoricamente que o nosso país não se associou a qualquer plano da Alemanha para a conquista do Mundo. O pacto das três potências, estabelecido entre o Japão, a Alemanha e a Itália foi efectuado apenas com o objectivo de conservar afastado da guerra europeia o Japão e os Estados Unidos, com quem desejamos de todo o coração manter as melhores relações de amizade.»

No dia 2, uma declaração ministerial marcava a atitude espectante do governo, com uma independência que o coloca quasi livre de compromissos.

Dependente da América e das riquezas das Índias Neerlandesas, devorado pela guerra da China, o Japão poderá realmente lançar-se na fogueira para tirar de lá as castanhas à Alemanha e à Itália, sem correr o perigo de afastar definitivamente as nações que o sustentam?

Esta interrogação do Extremo Oriente vale tanto como a que paira sobre a Europa. E é possível que Washington aguarde Tôquio para se resolver.



RÁDIO

O único que em todas as circunstâncias garante o permanente contacto com a

Vida Mundial



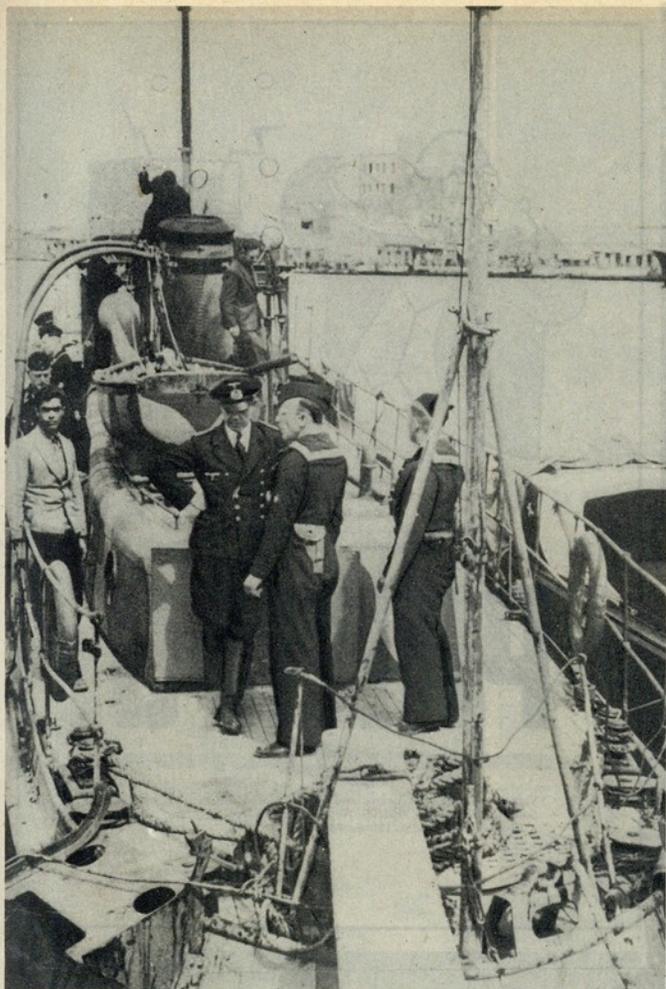
THOMSON
GENERAL ELECTRIC

PORTUGUESA, L.^{da}

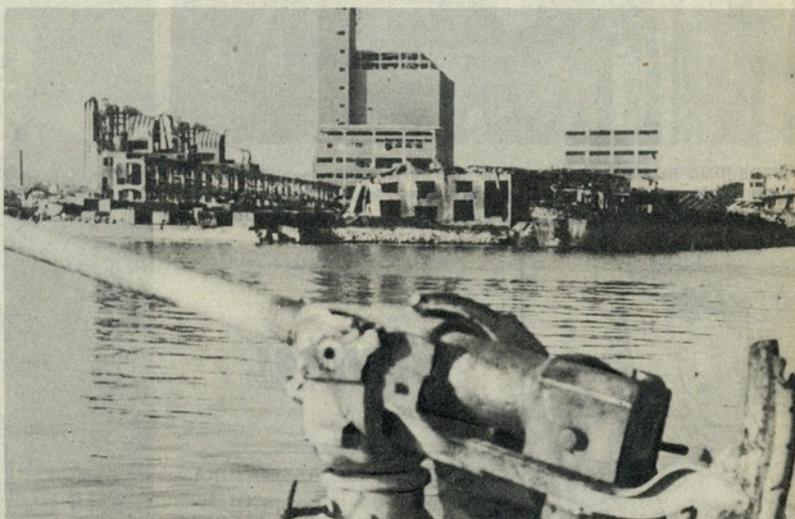
Rua do Norte, 5 — LISBOA

Vida
MUNDIAL
ilustrada

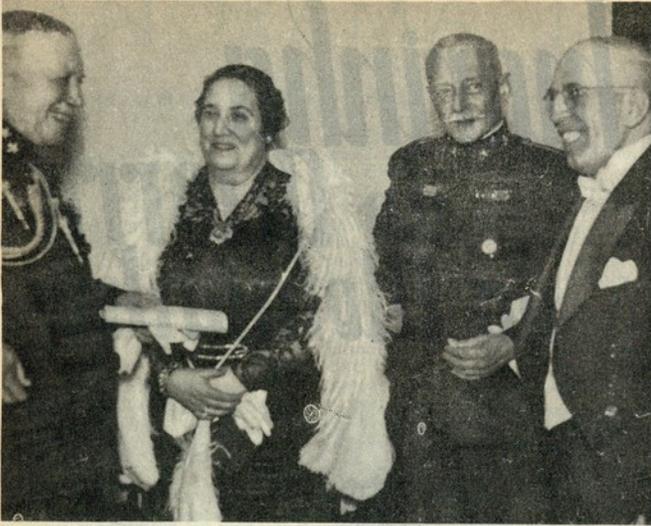
Marinha de Guerra da Alemanha



COM A EXTENSÃO DA GUERRA À RUSSIA, do Mar Negro ao Mar Báltico, adquire novas responsabilidades a Armada do Reich. Em cima, à esquerda, vemos um navio patrulha grego capturado pelos alemães, que se emprega agora no policiamento das costas balcânicas e do Mar dos Estreitos; à direita, o almirante Dönitz, chefe da arma submarina alemã, condecorando — facto ocorrido recentemente — a tripulação dum submarino que afundou mais de 200.000 toneladas de navios mercantes inimigos.



EM CIMA: Bateria de costa alemã instalada num porto grego ocupado pelas tropas do Reich. — À ESQUERDA: Na ponte do comando dum cruzador alemão em águas do Báltico, admira-se o efeito das salvas no casco dum navio inimigo.



O CHEFE DO ESTADO, acompanhado de sua esposa e do sr. general Amílcar Mota, assistiu ao espectáculo de gala que os antigos componentes da Tuna Académica de Lisboa deram no cinema S. Luiz, a favor das vítimas do ciclone.



O PINTOR JULIO DE SOUSA inaugurou no átrio do Teatro Nacional D. Maria II uma interessante exposição de «bonecas de trapos», com modelos caricaturais.



DESODOROL FRASCO 12.00

Suprime a transpiração nas axilas (sovacos), anula o mau cheiro e defende o vestuário das manchas do suor.

INTEIRAMENTE INOFENSIVO
NALLY

Vida **MUNDIAL** Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.^o Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



SE NÃO É MUSICA, MAS SIM TROVOADA AQUILO QUE O SEU VELHO RECEPTOR DÁ

troque-o por um moderno receptor «Super 4», aproveitando as condições vantajosas em que PHILIPS, por intermédio dos seus revendedores, lhe aceita o seu aparelho.

Compre um

PHILIPS

1941 Super 4

Visitem os estabelecimentos dos revendedores autorizados, ou as Salas de Exposição PHILIPS, Avenida da Liberdade, 3, em Lisboa, e Avenida dos Aliados, 151, no Pórt.º.

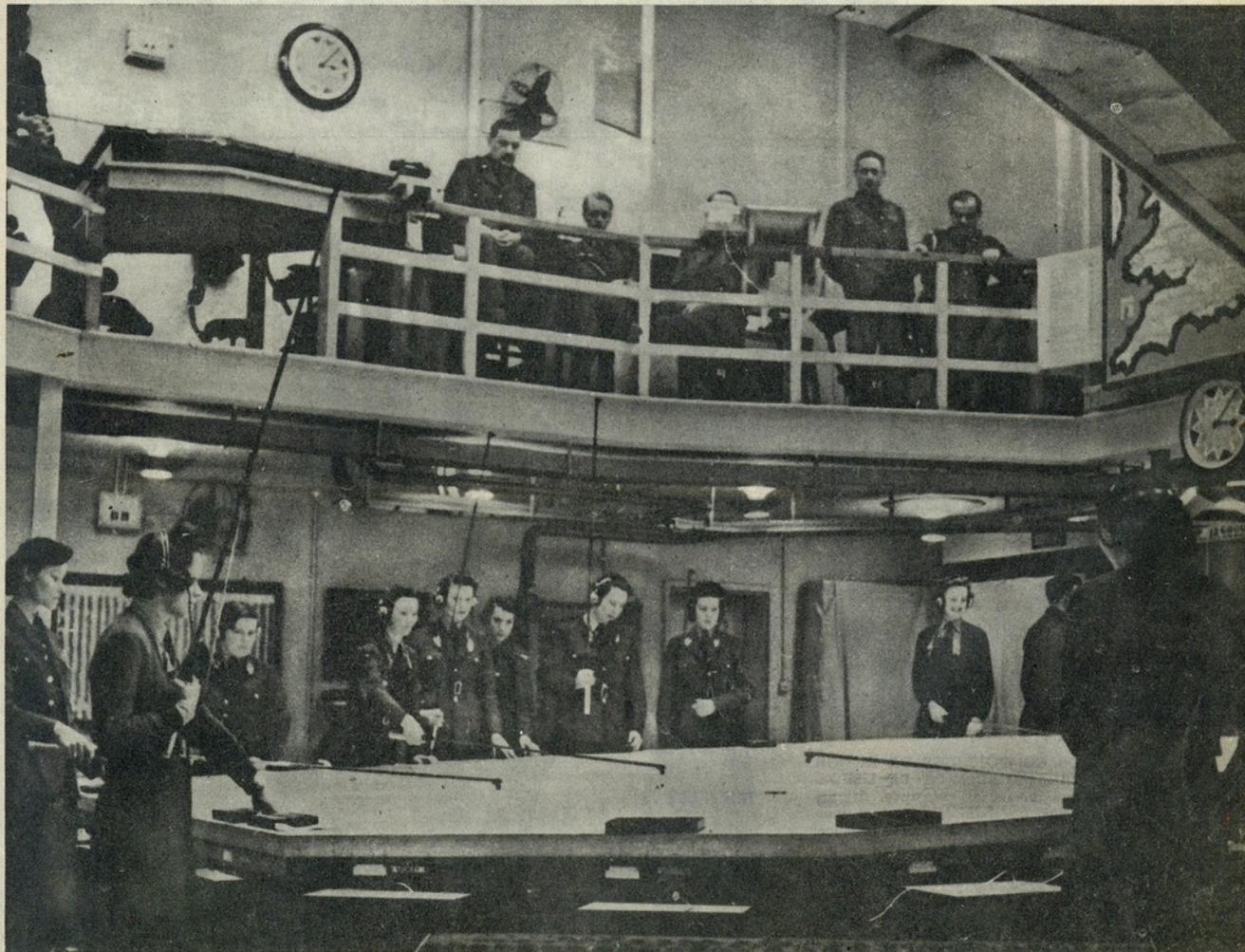


OS JORNAIS NOTICIARAM HÁ DIAS A REALIZAÇÃO DUMA CURIOSA PROVA DESPORTIVA E PATRIÓTICA. Tratava-se dum grande concurso de marcha organizado entre os povos finlandês e sueco. Damos hoje uma foto dessa competição, onde se vêem Risto Ryti, presidente da República finlandesa, e o seu Presidente do Conselho, Rangell, que quiseram dar êste exemplo de mocidade e espírito desportivo aos cidadãos da Finlândia. O objectivo da prova era, para as mulheres, cobrir 10 quilómetros em 100 minutos, o máximo, e, para os homens, 15 quilómetros em 140 minutos. O presidente Ryti fez os 15 quilómetros em 128 minutos.

Vida **MUNDIAL** Ilustrada



NO PALÁCIO DE SAINT-JAMES, o Primeiro Ministro inglês, Wiston Churchill, preside à grande reunião dos representantes dos Domínios e dos países aliados, da qual saiu a declaração colectiva de todos esses povos continuarem a luta «até se alcançar a vitória e auxiliarem-se mutuamente na guerra até ao máximo das suas respectivas capacidades». À direita de Churchill, vêem-se Eden e o general Sikorski, e à esquerda, Masaryk e Pierlot. —



AO MESMO TEMPO QUE A R. A. F. AUMENTA O SEU POTENCIAL E O NÚMERO DE «RAIDS», revelam-se novos pormenores da rádio-localização — processo que tem assegurado um bom serviço de defesa contra os ataques aéreos inimigos. A foto mostra-nos o gabinete subterrâneo onde os altos comandos da R. A. F. recebem as informações sobre a actividade aeronáutica alemã. Filiares dos serviços auxiliares estão de serviço permanente ao grande quadro rádio-eléctrico.



Vida PORTU GUESA

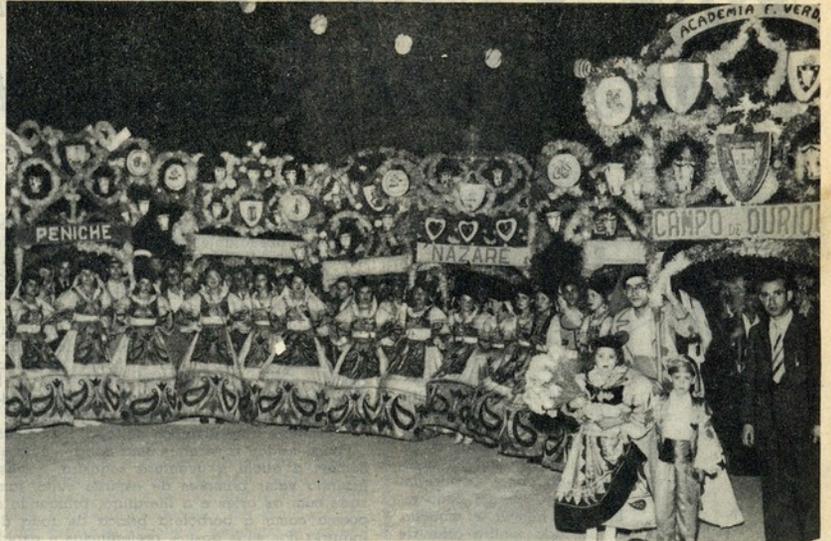
O CERIMÓNIA DO JURAMENTO DE BANDEIRA do batalhão de recrutas da primeira incorporação do regimento de Infantaria 1 foi um dia de festa para aquela unidade. Assistiram os srs. capitão Santos Costa, ilustre Subsecretário de Estado da Guerra, general Peixoto e Cunha, governador militar, e outras individualidades, que se vêem em cima, à esquerda. Houve formação geral do regimento, condecoração dum oficial e quatro praças, várias demonstrações e exercícios. (Na foto em baixo, à direita).



O SR. MINISTRO DE FRANÇA (em baixo), distribuindo os prémios do curso para estrangeiros na «Ecole Française».



OS COMPONENTES DA ANTIGA TUNA ACADÉMICA DE LISBOA, que, há 30 ou 40 anos, fizeram d'este agrupamento musical uma instituição de alto valor artístico, reapareceram recentemente em público no sarau efectuado no São Luiz Cine, promovido pelo «Diário de Notícias», a favor das vítimas do ciclone. Festa de grande êxito, nela se reviveu uma das épocas mais brilhantes da Academia portuguesa e se evidenciou uma das mais valiosas gerações do nosso tempo.



A MARCHA DE CAMPO DE OURIQUE, da Soc. Verdi, que se exhibiu ultimamente em Lisboa.



O SR. MARKUS CHEEKE, adido de Imprensa da embaixada inglesa, e sua esposa, ofereceram, há dias, na sua residência, uma brilhante recepção, a que assistiram diplomatas, escritores, artistas e jornalistas. A festa teve um cunho de alta distinção. Os salões encontravam-se magnificamente decorados, e no terraço, muito bem ornamentado, exibiram-se números populares portugueses. As fotos mostram-nos: em cima, o sr. Markus Cheeke com o embaixador da Inglaterra em Portugal, sr. Campbell; e, em baixo, os convidados no terraço da residência.



O GRUPO DOS AMIGOS DE LISBOA efectuou recentemente mais um dos seus habituais passeios, desta vez ao Palácio Fronteira, onde o sr. dr. José Cassiano Neves fez uma interessante palestra.



O SR. FRANCESCO FRANZONI, novo ministro da Itália em Lisboa, apresentou há dias as suas credenciais ao sr. Presidente da República. A cerimónia efectuou-se no Palácio de Belém com o cerimonial do estilo. No acto, trocaram-se discursos alusivos à tradicional amizade luso-italiana. A foto, à direita, mostra-nos o novo representante diplomático da Itália em Portugal, à saída do Palácio de Belém, após a entrega das credenciais.

(Fotos feitas com películas «Ferrania»)

FOI ASSIM... *conto inédito* de Helena de Aragão



M torno de Ela tinha redemoinhado febril, estonteadora a alegria de viver e amar. Em torno de Ela, as chapadas ardentes, fecundantes, do sol da vida, tudo tinham acordado em latejos perturbantes, a tudo tinham dado relêvo de beleza e emoção. E Ela tudo sentira arfar de roda do coração, a trespassar-lho de anseios desesper-

rançados, a suspiciá-lo com a certeza implacável de que lhe estavam defesas as grandes alegrias da vida, de que nunca seria amada, — feliz... como as outras!

E ficara de lado, na beirada da rumorosa estrada da existência, coração amoraçado, olhos voltados ao infinito do sonho, enquanto a farandola da eterna palpação humana, tumultuária, febricitante, insatisfeita, ia passando e seguindo na rota misteriosa do Destino.

Costeara a mocidade, apagando-lhe todo o verdor, para que não lhe surpreendessem a juventude do coração. Para quê mostrar que no seu peito, como nos outros peitos moços, também enflorara a primavera da alma? Para quê, para quê? O seu corpo disforme, grotesco, não podia transparentar alicijos apaixonados sem servir de alvo às frechadas cruéis do ridículo...

Ela não era como as outras!... A Natureza fizera-a tão feia, tão mesquinha de figura, com aquela horrível corcova nas costas que lhe encurtara o busto e alongara as braços desajeitados!

Uma corcunda! Ela era uma corcunda! Já alguém admitiu sem rir, — com esse riso atroz mais aguçado que lâmina de navalha, — a possibilidade de amar uma corcunda, de ser amado por uma corcunda?...

Ela não era como as outras... Não podia ser feliz como as outras...

De tamaninha dera conta da sua disformidade. Mostrara-lha, um dia, o espelho, em cotejo com a esbelteza doutra pequenita airosa que lhe estranhara o singular arqueado vertebral; apontara-lho mais tarde, na escola, entre frouxos escarminhos, a mordacidade flagelante das condiscípulas. Mas só depois, quando lhe chegara a vez de transpor os umbrais da juventude e lá pressentira a existência de qualquer coisa que tornava a vida mais bela, a beleza mais palpante, a palpação mais incoadida, compreendera tóda a profundidade, todo o negrume da sua desdita. Estava condenada ao desterro dos afectos, ao gelo da indiferença e do desdém. Para Ela não se volveriam nunca olhos de homem enamorado... nunca sentiria o alago dumas pupilas humedecidas de ternura... Para ela não se iluminaria o altar do amor.

E tinha dentro do peito um coração que pulsava! E tinha, nítidas, nos olhos, visões deliciosas de beleza ideal, de sublime pureza no sentir e no sonhar!...

Mas a realidade era impiedosa. A corcova das costas, o busto enfezado e torto, os grandes braços desgraçados, balouçantes, lá estavam a lembrar-lhe qua a luz mais límpida não deslumbra, não fulge, dentro duma lanterna de lata amolgada...

E fechara-se em si mesma, no pudor da sua miséria física; aprisionara a alma em silêncio. Só não conseguira — nem quisera! — extinguir a chama viva, que lhe ficara crepitando no coração, duma ânsia doída de amar... de amar... ainda que fosse uma ilusão!

E foi o que a levou àquela aventura! No desvão da província onde refugiara o seu desconσό, assaltou-a a necessidade imperiosa de estabelecer convívio espiritual com uma alma gêmea da sua, uma outra alma também desterrada da alegria e da esperança. Duas desventuras unidas, fundem-se em conformação... Seria através dum mistério denso, impenetrável, que o seu espírito ansioso, sófrego de expansão, comunicaria com esse outro espírito buscado para confidente e povoador da sua solidão moral. A ideia, de princípio nebulosa, sem forma nem finalidade precisas, tomou, a

pouco e pouco, vulto de possibilidade realizadora, tornou-se obsessante, irresistível. E, uma dia, Ela não se defendeu mais. Fêz publicar num diário da cidade um anúncio solicitando correspondência intelectual com um artista, um espírito sonhador carecente de expansão como o seu. Aberta a asa da aventura no espaço amplo da fantasia, quis adornar-se de idealizada beleza e de encanto impressionante, atribuiu-se o nome romântico da amada dum poeta imortal. Seria pois a **Laura**. **Posta restante de.....** que se deveriam endereçar as respostas ao seu audacioso anúncio.

E esperou, num alvoroço agitado, impaciente. Pouco tardou a receber uma carta — uma só. Um homem a quem a aventura seduzira, escrevia-lhe fazendo valer primores de espírito culto, familiarizado com as artes e a literatura, brincando com a poesia como a borboleta brinca de roda da luz. Inquiria dos seus gostos, preferências e aspirações, sondava-lhe, a distância, a profundidade do sentir, a amplitude do imaginar. Oferecia-se para a guiar nas suas leituras. Apresentava-se, enfim, alegre, espiritual, respeitoso — sedutor. Gracejava, sem descortezia, sobre os costumes da província onde Ela se refugiara e que muito bem conhecia; opunha-lhes, em contraste, descrevendo-os com entusiasmo, o ambiente intelectual, as miragens, as seduções da grande cidade, onde Ele sorvia, a austos fundos,

a satisfação de existir e lutar. Não se entriçeirava, como Ela, em mistério. Assinava desassobradamente o nome, indicava sem reserva a morada. Era novo e só, como ela desconfortado de afectos. Preparava a sua formatura em letras. Por companheiro, tinha, apenas, os seus livros; como incentivo, assistia-lhe, unicamente, a ambição nobre de vencer.

Ela leu e releu, num sobressalto estranho, aquela carta que vinha acordar desconhecida vibração no êrmo da sua clausura moral, levantar-lhe no peito extático ondas largas de emoção. Devorou o traço da letra nervosa e breve, precipitada em acompanhar a vivacidade impetuosa do pensamento que traduzia. E, com um pouco de imaginação, reconstituiu, mentalmente, o retrato do desconhecido que penetrava na sua existência vazia, — viu-o grave, pensativo, garboso, elegante. E tomou-a a volúpia duma fascinação perturbadora. Pareceu-lhe sentir tremer o coração. Quási teve medo do estranho alvoroço que lho desassossejou. Quási se arrependeu da aventura imprudente...

Mas a obra do encantamento lançou raízes fundas no peito de Ela. Pouco a pouco deixou-se dominar pelo desconhecido encantador. E passou a viver em sonho, fora da realidade desoladora. Esperava, impaciente, as cartas de Ele que lhe chegavam grandes e amiguadas; achava-as sempre curtas e tardias, devorava-lhes sófregamente o teor, decora-



— Não... Não a vi...

va-lhes as palavras uma a uma, e uma a uma as gravava no coração. Quando, no «guichet» da Posta restante, recebia na mão trémula o largo rectângulo branco, fúrgido, de formato tão seu conhecido, não podia furtar-se ao impulso de o apertar ao peito. E logo, num estontamento de ventura, fugia para o recanto isolado onde, a sós com os murmúrios brandos da mata, saboreava longamente, embevecidamente, a leitura das quatro páginas copiosas.

Ele impunha-se-lhe pela erudição, pela feição do espírito brilhante e original. Era, para Ela, um oráculo, um educador, um mentor; subjugava-lhe o espírito ingénuo e confiante, com a influência magnetizante da preponderância intelectual.

E Ela, seduzida, ébria de idealidade, entregava-se toda ao prazer ducíssimo de se saber pequenina e fraca junto daquela viril e forte inteligência.

Decorreram assim quinze meses de feitiçaria embaladora, de incógnito tãntamente respeitado, de activa correspondência ternamente discreta.

Um dia, porém, Ele saiu bruscamente da conformada quietação, — quis conhecê-la. E, ao manifestar o desejo, tomou, pela primeira vez, tom de expressiva e desvelada galanteria:

«... Querida e misteriosa correspondente — quero dar-me uma grande alegria? Creio merecer-lha... Imagino-a tão bela e sedutora quanto a sei espiritual, linda de alma e coração... É ilícita a minha indiscreção de querer conhecê-la em imagem já que, em espírito, tão profundamente a adoro. Talhou-nos o Destino para nos aproximarmos. Para quê porfiar em infringir os decretos do Destino, conservando-nos distantes, separados pelo nevoeiro do mistério? Aproximemos os nossos corações, estreitemos-nos no mesmo laço de palpação... A vida espera-nos... E é bela a vida, quando dois corações se compreendem e nela avançam, lado a lado, direitos ao Futuro!... Vou aí... Confio-lhe o cuidado de preparar o nosso encontro.»

Aquela inesperada determinação fulminou-a, despenhou-a, brutalmente, do alto do encantamento luminoso na escuridade fria da sua miséria.

Nunca mais olhara o espelho. Esquecera a fealdade do corpo disforme à força de se ver retratada linda, esculpida em perfeição, adornada de sedução rara. Ele idealizara-a assim... E queria conhecê-la! Não! Nunca! Antes afundar-se mais no mistério cúmplice, deixando lembranças de beleza a alimentar uma saúde, do que partir, à luz da realidade escancarada, seguida pela sombra zombeteira dum desdém, duma decepção apiedada, talvez hostil!...

Chegara o fim do sonho. Desapareceria misteriosamente, como também misteriosamente se revelara.

Mas não iria sem levar gravada na retina a imagem de Ele. Seria o salvado único, precioso, daquele pavoroso naufrágio em que perdia todas as ilusões entesouradas.

Escreveu-lhe. Esperá-lo-ia na sala da estação do caminho de ferro. Indicou-lhe o distintivo que Ele devia trazer bem visível, para que Ela se lhe dirigisse. O seu distintivo seriam as cartas d'Ele, que levaria amoravelmente apertadas na fita rosa e verde do seu amor... da sua esperança... ocultas na pequena mala discreta.

No dia aprazado, vinha ainda distante, boa meia hora, o momento da chegada do «rápido», já Ela estava na sala de espera da Estação, perdida no canto mais escuro, a folhear, maquinalmente, a revista de que se munira para enganar a ansiedade e disfarçar a perturbação.

Que minutos tão compridos! Como o tempo se estira nos instantes solenes, dolorosos da existência!

De repente, a estação encheu-se de movimento e

ruído. Ouviu-se um silvo agudo, um arquejar estrondoso, lá fora, na «gare». E um ranger de ferragens travadas, de rodas deslisantes.

Logo um bater de portas, um arrastar de carros trepidantes, um alarido de vozes amalgamadas em unísono disorde.

Depois a onda passou. Silvou novamente a despedida aguda, arfou roncões ciclóticos o monstro de ferro. E a quietação refez-se na pequena estação reentrada na apatia provinciana.

Na sala, ninguém. Bem inspecionara Ela a passagem precipitada dos raros passageiros ali descidos. Não descobrira entre eles a figura garbosa, elegante, distinta que o pulsar louco do coração devia assinalar-lhe. E todos tinham partido.

Picou-a um despeito doloroso que lhe atirou fugitivo rubor à face pálida:

Ele não viera, ludibriara-lhe a confiança ingénua. Ria-se, talvez, àquela hora, de a saber desapontada, a esperá-lo baldadamente, só, entre as quatro paredes daquela sala...

Só, não. Ela não estava ali completamente só. Mas que mais era do que ninguém aquele homenzinho inquieto, claudicante que, mão apoiada em grossa bengala, pé direito firmado sobre alta sapata-muleta, lá no meio da sala, ia e vinha, num passeio desengonçado, impaciente.

Olhou-o, distraída, vagamente apiedada, enquanto se provia de alento para também partir. Tinha ali, diante dos olhos, a lembrar-lhe a sua desfortuna física, um irmão na desdita. Era como Ela, um abóro da Natureza, também enfiado e pálido, também corcunda, de grandes braços simiescos, de sastrados e duros.

Aquele, de que serviria, também, o coração, ser moço, olhar a vida?!

De repente, o homenzinho estacou no passeio inquieto. Puxou do relógio, alongou um olhar à estrada.

Depois teve um gesto decidido; atravessou a sala, veio ter com Ela ao canto escuro:

— Está aqui há muito tempo, minha senhora?...

— Há, talvez, uma hora.

— Não viu... uma senhora... nova... Não posso precisar bem os sinais... Mas deve ser alta, formosa... elegante... Muito elegante...

Deu-lhe baque alito o coração. Olhou o homem num sobressalto. E varou-a o assombro.

Ele! Era Ele! Lá estava, bem destacado na lapela negra, o distintivo indicado!

Deus! Prodígio! Deus! Ele era aquilo, aquele destrógo humano! A figura garbosa, sedutora, tantas vezes evocada em enlévo de sonho, era aquela espécie de títere contorcido! A nobre fronte grave e pensativa, iluminada de espírito, era aquela pobre face enlameada e glabra!

Trepasou-a um golpe de orgulho ferido, lampejou-lhe a indignação no olhar incendiado.

Aquela grotesca disformidade ousara falar-lhe de amor, sítiar-lhe o coração, erguer os olhos para ela!

La fustigá-lo com o seu desprezo, rechaçá-lo com a sua repulsa. Mas, ao erguer-se, no ímpeto revoltado, viu, projectada no espelho embaciado do bufete, a própria imagem raquítica, grotesca, dobrada em corcova aguçada, tão deplorável e disforme como a daquele homem que, diante dela, numa timidez expectante, aguardava a informação pedida.

Saltaram-lhe dos olhos duas grandes lágrimas, baixou a cabeça e, baixinho, como se lhe morresse a voz, respondeu, enfim:

— ... Não... não a vi...

Depois em passo lento, sem olhar atrás, saiu.

... E o vento brando da tardinha varreu, estrada fora, os pedacinhos das cartas rasgadas pelas suas mãos trémulas, atirados, com um soluço, à grande vala das ilusões mortas.

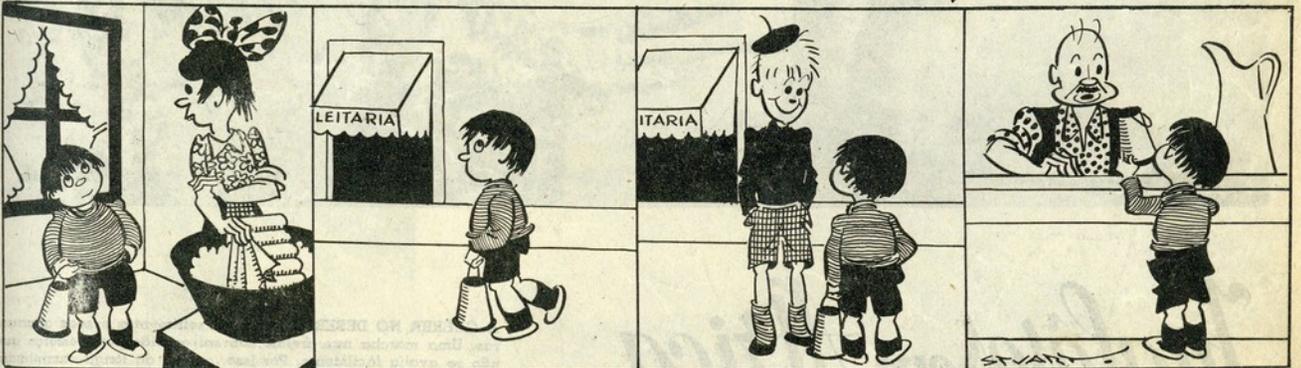
Incrível mas verdadeiro



ROY BISHOP, de 18 anos, de Hempstead, é um homem que se assemelha muito a uma barata ou outro bicho de trepar paredes, pois tem a faculdade — raríssima entre os seres humanos — de subir e descer uma superfície vertical apenas com o auxílio dos pés... e dos braços para se equilibrar. Não sabemos a utilidade que isso lhe trará na vida, mas o facto em si é suficientemente estranho para merecer honras de divulgação.

Sistema métrico

Por Stuart Carvalhais



— A mãe disse-me para comprar leite, mas já não me lembro da quantidade que ela quer.
— Nem eu...

— Ora esta... Não sei se é um quilo, se duzentas e cinquenta...

— Vamos reinar?
— Vou ao leite para a minha mãe, depois vou ter contigo.

— Avie-me meio quilo de leite, se faz favor.
— O leite não se pesa... mede-se.
— Mede-se? Então dê-me... meio metro!...



Inglêses em África

A GUERRA NO DESERTO tem seus sofrimentos e suas amarguras. Uma marcha nas areias, sob sol escaldante, é esforço que não se avalia facilmente. Por isso, ao fim da longa caminhada, este soldado sente prazer em mergulhar os pés no veio de água que a Natureza ali lhe pôs como por encanto. E, como bom inglês, homem prático, não perde tempo — aproveita a ocasião para escrever à família: «Isto, por aqui, está muito fresco...».

Vida
MUNDIAL
Ilustrada